

A Cultura Feminina na Igreja Presbiteriana Independente: uma análise a partir da revista *Alvorada Feminina* (anos 80)

OLIVEIRA, D.E.S.D.* BORTOLOTTI, R.G.**

Resumo: Os impressos são importantes meios de difusão dos ideias religiosos. A *Alvorada Feminina*, é um desses impressos que destina-se ao público feminino. Nesse artigo, recorreremos a uma amostra de três revistas produzidas nos anos 80, nas quais delimitamos os seguintes aspectos: mulher e casamento; mulher e maternidade e mulher e educação dos filhos. Essa delimitação se mostrou necessária ao passo que a revista, criada em 1968, produziu 192 números e, por isso, seria impossível apresentar num único texto dessa natureza, uma análise de sua produção completa. Pudemos constatar que nessa revista temos a representação da mulher como aquela que nasce para o casamento heterossexual, com o dom da maternidade e como tal deve se ocupar do cuidado dos filhos e de sua formação moral e espiritual. Nossa análise da produção foi assentada na colaboração do pensamento de Chartier e Bourdieu, uma vez que ambos compreendem o impresso como uma forma usada para a determinação de práticas sociais, de um *habitus*.

Palavras-Chaves: Mulher, Revista Alvorada, Cultura.

Women's Culture in the Independent Presbyterian Church: an analysis from the magazine *Alvorada Feminina* (1980s)

Abstract: Printed matter is an important means of spreading religious ideas. The *Alvorada Feminina*, is one of those printed for the female audience. In this article, however, we recurred to a sample of three magazines produced in the 80's, in which we focused on the following aspects: woman and marriage, woman and motherhood and woman and children's education. This focus was necessary considering that the magazine, produced since 1968, have more than 192 numbers, making it impossible to show in just one article an analysis of its full production. We could state that in this magazine we have a women's representation as someone who was born to the heterosexual marriage, with the motherhood gift and, as such, the one who should take care of her children, including moral and spiritual formation. Our analysis of the magazine's production was largely based on Chartier and Bourdieu, since both understand this press as a way to determine social practices, of a *habitus*.

Words-Keys: Woman, Magazine Dawn, Culture.

* Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira doutoranda em História pela Unesp de Assis-SP e docente dos cursos de Psicologia e Pedagogia da Unip, campus Assis. E-mail: santiago.dani@yahoo.com.br. Essa pesquisa está vinculada à Pós-Graduação em História da Unesp, campus Assis-SP e aqui apresentamos apenas um recorte dos resultados obtidos. A íntegra dessa discussão está disponível na dissertação de Mestrado de História intitulada: Revista Alvorada (1970-2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente.

** Ricardo Gião Bortolotti doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Assis-SP. E-mail: bortho@uol.com.br

Introdução

As igrejas protestantes no Brasil, desde meados dos anos 40 e, sobretudo, a partir de 1960, têm ampliado substancialmente a sua utilização de uma série de mídias visando a ampliação de seus domínios. Assim, vemos que as religiões neopentecostais passaram a recorrer a meios de comunicação em massa, sobretudo pelo aporte à televisão como alternativas de evangelização. Além das mídias televisivas, teremos a consolidação de vários impressos como livros, revistas, também com o mesmo objetivo.

Foi nesse contexto que surgiu a *Revista Alvorada*, criada no ano de 1968 no Brasil, vinculada a Igreja Presbiteriana Independente. Sua missão inicial no contexto de seu surgimento é falar com a mulher presbiteriana, tanto que a mesma se denominava *Alvorada – Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, algo que foi alterado em meados dos anos 70 para *Alvorada Feminina*. A nosso ver essa mudança de nome proveio da necessidade de ampliar o número de leitoras, ou seja, o impresso buscava falar com mulheres de várias orientações religiosas e não apenas com a mulher presbiteriana. Na revista, temos orientações sobre a conduta da mulher nas mais variadas áreas e, por meio da leitura dos textos, foi possível identificar que há indicações sobre a mulher e o casamento, a mulher e maternidade e a mulher e educação dos filhos.

Esse estudo analisa a representação sobre a mulher, segundo o que é posto na citada revista, nos dando a saber o entendimento da Igreja Presbiteriana Independente, que é responsável pelo periódico. Dessa forma podemos nos aproximar da perspectiva da religião e ampliar também nosso entendimento acerca da forma com que a mulher é compreendida em várias culturas que perpassam a realidade brasileira. A representação do religioso, por meio dos bens simbólicos que dispõe, é uma expressão cultural de um grupo. A revista por nós estudada no entanto reflete a cultura de um grupo muito peculiar e específico que é o grupo presbiteriano, representativo dos neopentecostais.

Buscamos identificar qual foi a perspectiva de mulher difundida pela revista nos anos 80 e usamos como referência para esse texto três¹ revistas produzidas no período. Vale destacar que a *Revista Alvorada*, hoje denominada *Vida e Caminho*, no período de 1968 a dezembro de 2016, produziu uma média de 192

¹ Revistas consultadas para a elaboração desse artigo: *Alvorada Feminina*, São Paulo, v.02, abr./jun. 1981, *Alvorada Feminina*, São Paulo, v.03, jul./set. 1981 e *Alvorada Feminina*. São Paulo, v. 04, out./dez. 1984.

exemplares e seria inviável a apresentação dos dados de todas essas revistas em um texto dessa natureza. Definimos por apresentar as produções dos anos 80, tendo em vista as mudanças já presentes no cenário nacional em relação à figura feminina e que tiveram grande influência do movimento feminista já bastante hegemônico no nosso país. Além da revista, usamos também como embasamento o jornal presbiteriano *O Estandarte*, uma vez que somente nesse periódico nos apresenta algumas informações sobre o desenvolvimento e a criação da revista.

Para melhor delimitar a nossa análise decidimos por observar, junto as revistas estudadas, os seguintes quesitos: mulher e casamento; mulher e maternidade e mulher e educação dos filhos. A leitura de todos os textos inseridos nas revistas nos permitiu a identificação dos quesitos supracitados. Não escolhemos artigos ou seções específicas, mas realizamos a leitura de capa a capa de nossa amostra. Recorremos ao pensamento de Chartier, uma vez que o autor compreende a importância do impresso na definição das práticas sociais e também recorremos ao pensamento de Bourdieu, uma vez que esse teórico analisa a consolidação do campo religioso. Chartier também é relevante a nosso estudo uma vez que fortalece o entendimento do impresso como produto cultural de um grupo específico. Portanto, o impresso representa formas e sentidos que um grupo atribui aos mais variados fenômenos que estão presentes na realidade.

O presente artigo, entretanto, foi organizado da seguinte maneira: no item inicial, apresentaremos informações gerais que nos permitam caracterizar esse impresso e no item subsequente, vamos abordar os conceitos presentes no periódico e que nos permitem identificar a representação da mulher.

A Alvorada Feminina: caracterizações gerais

Chartier (2002) nos indica que sempre que estudamos um impresso é necessário delimitar a sua área social. A área social corresponde a dados que nos permitam compreender em qual espaço o impresso circula e como ele é dado a ler. Dessa maneira, dados sobre o surgimento, sobre a forma de aquisição e demais informações da revista que nos permitam caracterizá-la nos darão, a nosso ver, a sua área social.

A Alvorada Feminina foi criada em 1968 porém, nesse contexto, recebeu a denominação *Alvorada – Revista da Mulher Presbiteriana Independente*. Melo (2006) coloca que havia dentro da Igreja Presbiteriana Independente um

movimento de reverendo que desejava um impresso destinado ao público feminino. Como sabemos, o impresso e sua utilização com fins proselitistas pela Igreja Presbiteriana Independente é algo que integra tal denominação desde o seu surgimento no Brasil (MENDONÇA, 2008). Nesse momento, a Igreja Presbiteriana Independente convidou para pensar sobre o impresso o Rev. Francisco de Moraes, e ainda as voluntárias Maria Clemência Mourão Cintra Damião e Isolina de Magalhães Venosa, a fim de pensar sobre um folheto destinado ao público feminino. Porém, nesse contexto, o grupo definiu por instituir uma revista destinada para a mulher presbiteriana, proposta que foi sancionada pela Igreja Presbiteriana Independente.

A revista foi então instituída como uma publicação trimestral e que poderia ser adquirida mediante assinatura. A definição do nome partiu de um concurso realizado entre as mulheres da Igreja, porém, nos anos 80, houve a alteração do nome para *Alvorada Feminina*. (MELO, 2006). Nos anos 90, passou a chamar *Revista Alvorada, a revista da família* e em 2017, no último trimestre o nome foi alterado para *Vida e Caminho*. Nos anos 80, a tiragem média de exemplares da revista esteve estimada em 15.000 exemplares, sendo que em 1989 foram produzidas mais de 20.000 revistas. Dessa maneira, concluímos que havia um público leitor do periódico.

As edições de *Alvorada Feminina* tinham em média 30 páginas, com certa de 20 a 30 artigos em cada uma delas. Os artigos eram escritos por colaboração dos crentes, dentre os quais homens e mulheres, pessoas vinculadas à Igreja Presbiteriana Independente. Não havia uma temática geral que orientasse os textos, mas em uma mesma produção havia um rol amplo de artigos escritos sob temas diversificados. Nesse período, a Sra. Izolina de Magalhães Venosa, uma das responsáveis pela criação da revista, assumiu a editoração da mesma. A revista possuía ainda uma equipe que era responsável pelo impresso como secretária, uma pessoa responsável pelas assinaturas e um editor gráfico. A revista respondia a uma Diretoria Geral composta por quatro pastores. Nos anos 80 o periódico foi impresso inicialmente pela Imprensa Metodista, mas no final dos mesmos anos, passou a ser impresso na Gráfica Modelo. Ambas gráficas estão localizadas em São Paulo e a análise da revista nos indicou que nesses espaços apenas era realizada a impressão da revista, ao passo que sua produção acontece no espaço da revista.

Essas revistas apresentavam poucas imagens, geralmente na capa. A segunda capa, via de regra, traz um hino cifrado ou um poema. A publicidade também é inexistente. Os raros anúncios que há, provém da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, comunicando as leitoras sobre os eventos futuros aos quais deverão participar. As capas são de papel vergê, com a parte interna da revista feita de papel jornal. Nos anos 80 foram produzidos 80 números, porém, conseguimos analisar apenas 58 dessas revistas, pois não conseguimos adquirir a amostra em sua totalidade. Aqui nesse artigo, optamos por apresentar apenas textos de três dessas revistas, porém, os trechos aqui são representativos da totalidade. Nesse sentido, as posições retratadas nos números aqui apresentados são comuns nas demais revistas.

Alvorada Feminina e a Representação sobre a Mulher

A análise proposta para o presente texto foi definida considerando-se os aspectos: mulher e casamento; mulher e maternidade e mulher e educação dos filhos. No entanto, tais conceitos estão interligados e aparecem agregados nos textos. Assim, em um mesmo texto, vemos menções ao casamento, a maternidade e a educação dos filhos e assim sucessivamente.

Ainda é preciso destacar que a análise em pauta aconteceu com base nas Revistas publicadas em 1981 (trimestre abril, maio, junho e julho, agosto, setembro) e 1984 (trimestre outubro, novembro, dezembro).

Bem, uma revista que busca um diálogo com o público feminino desenvolve discussões através dos textos que publica, imagens que utiliza e tudo o quanto a integra, afinal, tudo o que compõe a revista é elemento da transmissão de conceitos. Além de ser um ponto de encontro de opiniões semelhantes, a revista busca também uniformizar pensamentos e condutas, usando todos os elementos que dispõe e veicula para tal finalidade. Silva (2009) nos coloca que os impressos destinados ao público feminino, no universo protestante, têm a finalidade de instigar as mulheres na escolha de um comportamento. “Os impressos são dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que encontram-se inseridos” (NASCIMENTO *apud* SILVA, 2009, p. 65). Afinal, como nos coloca Bellotti (2004), religião comporta um sistema de crenças e práticas, pois são essas crenças que delimitam

quais posturas seriam corretas e quais seriam incorretas. Vincular-se a uma dada denominação religiosa requer a adoção de determinadas práticas, condutas sociais.

Os textos, em grande parte, artigos curtos e escritos por reverendos e também por mulheres leigas e vinculadas à Igreja, são colaborações autônomas e voluntárias, escritas em tom de conversa, como conselhos e em grande medida, fundamentadas na Bíblia Sagrada. Apesar de muitos deles não citarem capítulos e versículos bíblicos, vemos os ensinamentos bíblicos reforçando papéis a serem assumidos por homens e mulheres. Para Bellotti (2005), a Bíblia está presente na literatura dos evangélicos, incluindo a produção literária presbiteriana. A Bíblia é considerada como um livro atemporal e, portanto, serve de embasamento para a vida cristã em qualquer contexto histórico.

No que diz respeito a figura feminina, vemos que a mulher representada é aquela preparada para o casamento. O casamento, dado por Deus, é algo a ser celebrado entre homem e mulher, portanto o casal idealizado e representado nos artigos é o casal heterossexual. Há assim vários trechos em que o casamento entre homem e mulher é enaltecido, como por exemplo, no artigo abaixo em que a autora narra as alegrias e felicidades do seu primeiro ano de união.

[...] eu só tenho a agradecer, o marido tipo "presente" que Deus me deu. O lar aconchegante que digo orgulhosa: - Esse é meu! As experiências marcantes de uma mulher casada... Você me amando, eu sentindo você me completando! Não posso esquecer de nada; sua ajuda em casa, quando estou exausta e sua voz dizendo: - descansa [...]. (MACHADO, In: ALVORADA FEMININA, n. 02, 1981, p. 16).

Ou seja, marido dado por Deus e que a deu até a casa própria, que a *ajuda* em casa quando está cansada, dando a ideia de que a mulher se ocupa da casa e o marido a mantém financeiramente. Assim, vemos que além de definir a relação heterossexual, também são atribuídos papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres.

Outro trecho que reforça a relevância do casamento heterossexual é um artigo que seria lido em um Chá de Cozinha, a ser intitulado: "Casamento, jornada feliz ou não". Nele, a autora reforça a necessidade das "mulheres" pedirem orientação a Deus para o casamento e para que seja um "homem" preparado por Deus (SANTOS, In: Alvorada Feminina, n. 02, 1981). Também nesse trecho vemos

que é atribuída a mulher, a responsabilidade por fazer com que o casamento dê certo. Para isso, desde a véspera da união, havia alguns “preparativos” para a mulher se ocupar.

Preparativos: Estes variam de acordo com a distância e o tempo de viagem, que no casamento (apesar do divórcio) deve prevalecer o “até que a morte nos separe” durante as 24 horas do dia. A falta de preparativos corretos tem levado ao rompimento do vínculo conjugal, para sofrimento de ambos os caminhantes e daqueles que vão arranjando ao longo do caminho – os filhos (que mais sofrem). Dentro desta fase vem: o enxoval, os convidados, a festa e a viagem propriamente dita. O enxoval hoje é quase todo comprado pronto. Mas se você puder preparar algo com suas próprias mãos experimentará um prazer renovado. Leve coisas práticas e indispensáveis. Não se esqueça de colocar entre as peças bastante paciência, bom humor, perseverança, esperança, boa vontade, perdão, e... *submissão (tão fora de moda)*. Não se esqueçam de fazer juntos uma escala de prioridades. [...] (SANTOS, In: ALVORADA FEMININA, n. 02, 1981, p. 21).

Ser mulher significa cuidar do casamento e dos preparativos e esse cuidado vai influenciar o tempo de duração do casamento. Tempo esse que deve ser limitado somente pela morte, ou seja, o divórcio não é compreendido como algo bom. Bellotti (2005), analisando a produção literária dos presbiterianos, afirma que o divórcio é compreendido como algo que só acontece para aqueles que não lutam pela união conjugal. A falta dos cuidados, os quais têm a mulher como principal responsável, poderá resultar no fim do casamento e no sofrimento que acometerá ambos os cônjuges e os filhos, sim, porque os filhos são algo inerente a todo casamento. Mas, a preparação comportaria, enxoval, preparação de uma festa em que a mulher deveria se ocupar de organizar até mesmo uma viagem. Assim, é possível também inferir que essas famílias, que liam a Revista, seriam famílias com certo poder aquisitivo, afinal, pensar em uma festa e em uma viagem para celebrar um casamento, era algo financeiramente inviável a muitas famílias, no momento em que o país vivenciava grande recessão econômica.

Ao discutir sobre o enxoval, a autora nos dá anedotas interessantes a respeito da figura feminina. Inicialmente, aponta a recomendação de que a mulher componha algumas peças do enxoval ao invés de comprá-lo, ou seja, isso sugere que ela já tenha sido preparada para tais ações, pois é aquela mulher que foi ensinada a bordar, cortar e costurar. E, ainda nesse texto, após abordar a questão do enxoval, a autora fala sobre a viagem, indicando à mulher o que deve ser colocado na mala. Em sentido figurado, faz uma análise comparando viagem ao

casamento, e destacando quais seriam as qualidades que a mulher precisa investir no relacionamento, sendo essas: “[...] paciência, bom humor, perseverança, esperança, boa vontade, perdão, e... *submissão (tão fora de moda)*. [...]” (SANTOS, In: ALVORADA FEMININA, n. 02, 1981, p. 21), ou seja, tudo compete à mulher, ser paciente, ter bom humor, perseverar, ser submissa, ter boa vontade, perdoar e sobretudo, ser submissa ao marido. Por outro lado, o texto acima não coloca nenhuma atribuição ao esposo, ou seja, o homem aparece como um mero figurante no processo de fazer com que o casamento dê certo.

A submissão feminina é reforçada em vários outros impressos da Igreja Presbiteriana. Bellotti (2005) em sua análise constata que a submissão é justificada na literatura presbiteriana, porém, isso é construído de uma maneira que não demonstre que a mulher é inferior ao homem. A submissão feminina é tratada como uma escolha, algo que a mulher faz livremente. Aliás, todos os valores que são enaltecidos buscam, a nosso ver, forjar uma imagem feminina, construindo uma mulher ideal. A forma com que esse discurso é construído não apresenta a submissão como algo ruim, mas sim como uma qualidade feminina.

Alguns textos, no entanto, apresentam qual seria o papel idealizado tanto para homens quanto para mulheres no casamento. No texto que segue, temos uma noção acurada do que é idealizado como atributo feminino e atributo masculino, reforçando mais uma vez a noção de casamento entre homem e mulher, e destacando uma vez mais qual é o local que a mulher ocupa em uma família.

O Pai e a Mãe
 O pai é a mais elevada das criaturas.
 A mãe é o mais sublime dos ideais.
 Deus fez para o pai um trono; para a mãe um altar.
 O trono exalta; o altar santifica.
 O pai é o cérebro; a mãe, o coração.
 O cérebro produz a luz; o coração, amor.
 A luz fecunda; o amor ressuscita.
 O pai é gênio; a mãe, anjo.
 O gênio é imensurável; o anjo indefinível.
 A aspiração do pai é a suprema glória; a aspiração da mãe virtude extrema.
 A glória traduz grandeza; a virtude traduz divindade.
 O pai tem a supremacia: a mãe a preferência. A supremacia representa a força; a preferência representa o direito.
 O pai é forte pela razão, a mãe é invencível pela lágrima.
 A razão convence; a lágrima comove.
 O pai é capaz de todos os heroísmos; a mãe de todos os martírios.
 O heroísmo enobrece; o martírio sublima.

O pai é o código; a mãe, o evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.

O pai é um templo, nos descobrimos; ante o sacrário, ajoelhamo-nos.

O pai pensa; a mãe sonha. Pensar é ter cérebro; sonhar é ter na frente uma auréola.

O pai é um oceano; a mãe é um lago. O oceano tem a pérola que o embeleza; o lago tem a poesia que o deslumbra.

O pai é a águia que voa; a mãe, o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.

O pai tem um fanal: a consciência; a mãe tem uma estrela: a esperança. O fanal guia; a esperança salva. – Enfim, o pai está colocado onde termina a terra; a mãe, onde começa o céu! (HUGO, In: ALVORADA FEMININA, n. 03, 1981, p.13).

O próprio título, a nosso ver, é bastante sugestivo, pois já sinaliza: O Pai e a Mãe, ou seja, uma relação em que os papéis já são definidos em que homem nasce para a paternidade e mulher para a maternidade. Entretanto, frases como: “O pai é a mais elevada das criaturas”, “O pai é o cérebro; a mãe, o coração”, “O pai é gênio; a mãe, anjo”, “O pai é capaz de todos os heroísmos; a mãe de todos os martírios”, “O pai é o código; a mãe, o evangelho”, “O pai pensa; a mãe sonha. Pensar é ter cérebro; sonhar é ter na frente uma auréola”, “O pai é a águia que voa; a mãe, o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma” e “O pai tem um fanal: a consciência; a mãe tem uma estrela: a esperança”, nos conferem uma ideia das qualidades que homem e mulher precisam apresentar, ou seja, habilidades que lhes são inerentes pelo fato de ter nascido com um determinado sexo. Além disso, características como inteligência (cérebro, gênio, pensar) são atribuídas ao homem, ao passo que, também são tidas como inerentes ao homem a força e a dominação. À mulher, por outro lado, são atribuídas características como ser coração, ser anjo, além de que cabe a ela saber sonhar e ter esperança. Habilidades intelectivas, por conseguinte, são vinculadas ao homem, ao passo que o sentimentalismo é direcionado à mulher.

Para a mulher compete, também, a maternidade, o dom supremo e inato de todas que nasceram no gênero feminino. Mulheres que tem consciência do seu dom, do seu papel a cumprir na sociedade e que o desempenham felizes com seu destino. O artigo de Leonel (ALVORADA FEMININA, n.03, 1981, p. 02) retrata muito bem esse papel da mulher junto à família.

Acróstico: Confederação de Senhoras
 Conscientes no saber; consagradas ao bem;
 Operam entre os seus e na Igreja também;
 Na perfeita consciência do dever cumprido!...
 Felizes essas mães – avós, esposas, tias;

Exemplo de bondade, amor e alegrias;
 Devotam seu esforço; e, sem achar perdido, espalham caridade, em
 contínua oração!
 Refundem seus talentos, distribuindo aos pobres;
 Ativas, cooperando em prol das causas nobres;
 Ação sublime e pura, em máximos desvelos;
 Hão de auxiliar ao fraco e ao doente; e sempre tê-los ombreando
 junto a si, ouvindo uma canção.
 Divina e inspiradora – um hino de louvor: ESPIRITO DE DEUS
 atuando em seu favor! Senhoras do Evangelho!
 “ALVORADA” feliz, Esplêndida, efetiva, informando – assim diz:
 “Nuances bem coloridas da VIDA A SERVIR; Honestas na labuta, o
 tempo a redimir; Os íntimos desejos são os de ajudar; Refletem, de
 JESUS, Seu amor Divinal! Atividades Santas, na terra mar e ar,
 segredam do BOM DEUS Seu Amor Paternal!...

E reforçam ainda a mística que envolve a figura feminina e sobretudo a maternidade, atribuindo a mulher características como bondade, amor, alegrias, cooperação, ajuda à terceiros, puras, inspiradoras, honestas e com atividades sempre santas, ou seja, uma mulher idealizada que é a representação da perfeição, um ser humano sem defeitos.

Caberia então a mulher aceitar o seu papel social idealizado e buscar, de todas as formas, atender as expectativas geradas sobre ela. A maternidade, como sinalizamos acima, é uma das atribuições da mulher. A mulher nasceu com esse dom, um dom divino, e jamais pode negar essa premissa. Além de dom, é uma missão que ela precisa vencer, visando assim atender aquilo que foi idealizado por Deus. Dentre os vários artigos que indicam esse papel da mulher, temos o texto de Danilo de Almeida, que apresenta o título: “Dom de Mãe”.

Dom de Mãe: Mãe... é depois do “dom de Deus”. O mais perfeito dom. É como o Apóstolo, suprema autoridade. Que nos ensina e fala do Cristo que viu. É como o Profeta, que prediz no seu exemplo, ensinando e nos fala das promessas. É da vontade de Deus. É como os Doutores da Lei, apta sempre a buscar, nos mais profundos abismos da fé. A luz que nos faltava para entendimento. É o maior dos milagres, porque nos ama, apesar de nós não a termos em igual sentimento, nem merecermos tal amor. É maior que os dons de curar, depois de dissipar todas as dores nossas, permanece conosco. Mais que os socorros, não nos espera gritar, pois sente, por si mesma, nossas necessidades. Mais que os governos, dirige-nos em oração e na prática, mais que as variedades de línguas, porque compreende até nosso silêncio. (ALMEIDA, In: ALVORADA FEMININA, n. 02, 1981, p.08)

Dom, como sabemos, é algo que nasce conosco, para o qual temos uma habilidade, aptidão natural, e, por conseguinte, não é uma escolha. Ter o dom de ser mãe, por conseguinte, é uma aptidão que nasceu com a mulher e da qual não

pode simplesmente se livrar. Termos como “O mais perfeito dom”, “É da vontade de Deus”, “É o maior dos milagres”, “É o maior dos dons”, dão uma ideia da relevância que é atribuída ao dom de ser mãe, do qual somente a mulher é signatária. Ir contra esse dom é o mesmo que ir contra Deus.

E, na esteira da maternidade, vem também a premissa do cuidado dos filhos. Uma vez nascidos, é de competência da mulher garantir a sobrevivência destes e também educá-los moralmente e na fé cristã. O texto: “Maio, Mês do Lar – Família”, publicado na edição de maio, junho e julho de 1981, faz indicações bem delimitadas à mulher no que diz respeito ao cuidado com os filhos.

Assim, o texto tem início com uma indicação sobre a importância da educação dos filhos na fé e o quão relevante e basal, para o desenvolvimento da personalidade, é a constituição de uma educação cristã. Essa educação cristã, reforçada pela Igreja e pela vinculação da criança a ela, só pode ser consolidada se for ensinada em casa, na família. “Os pequenos necessitam de um lar que os ajude a encontrar Deus, um lar onde Ele é conhecido através da oração, do louvor e do viver diário do pai e da mãe” (ALVORADA FEMININA, n.02, 1981, p.12). Esse trecho também reforça a forma de composição idealizada para a família, mais uma vez, família heterossexual, formada por homem e mulher, expressos como pai e mãe.

Sobre a educação das crianças, o texto enfatiza:

Se no lar as crianças recebem uma educação preventiva, moldada na moral religiosa e os maternais conselho da Igreja, conselhos que não se afastam do ensinamento da pedagogia, fora de dúvida que os caracteres serão mais bem formados e que Deus e a Pátria terão mais dignos servidores (ALVORADA FEMININA, n.02, 1981, p.12).

Ou seja, inculcar conceitos, valores e hábitos cristãos nas crianças desde a mais tenra idade, caberia em um primeiro momento, à mulher, tida como a maior responsável pelo cuidado e também pela educação dos filhos. A mulher seria aquela que formaria a personalidade das crianças, uma vez que os filhos permaneceriam por maior parte do tempo sob a responsabilidade da mãe. Nesse texto, essa educação cristã é tida como uma educação pedagógica e o embasamento vem da obra do sociólogo Luiz Silveira, que em 1933 escreveu um livro denominado Educação Familiar. Luiz foi militar e elegeu-se deputado estadual. Sua obra traz princípios “pedagógicos” assentados na indução de hábitos pela família na criança, visando formar um cidadão socialmente aceito. Afinal,

caberia aos pais, segundo a tradição cristã, conferir a educação e sobretudo, os limites aos filhos.

Além de desempenhar os papéis de cuidado e educação dos filhos, na família, a mulher deveria ainda se ocupar da casa, do cuidado de todas as atividades cotidianas, mantendo a família limpa, alimentada, com todas as necessidades satisfeitas. O texto de Machado (In: ALVORADA FEMININA, n. 02,1981, p.16) nos indica, em grande medida, que as responsabilidades pela manutenção da casa eram conferidas à mulher, podendo o marido “ajudá-la” em casa, quando essa estivesse cansada dos afazeres. Ao que parece, a mulher é responsável por toda a organização da casa, mas isso não dá a ela um status social elevado, digamos assim. Antes, a mulher vive para servir e atender às necessidades de todos da família e faz isso porque possui qualidades como ser amor, ser anjo, um ser sobrenatural que abdica de si mesma em favor dos demais. O marido, homem, por outro lado não precisa se esforçar muito, aliás, a perspectiva transmitida é que o homem é superior demais para se ocupar com coisas tão pequenas como cuidado dos filhos, da casa, etc., afinal, o homem é razão, é pensamento, é força.

Nesses impressos é latente ainda que cabe ao homem o sustento da casa, mas, também a decisão final de todas as coisas que envolvem assuntos da casa. A mulher deve se ocupar da casa e dos cuidados do filho para permitir assim que o homem possa exercer sua autoridade e liderança (BELLOTTI, 2005). O trabalho doméstico, o cuidado da casa, é abordado como algo que estaria ligado a moral da mulher. A mulher boa, idealizada e propagada no imaginário da revista é aquela que desempenha essas funções e, por analogia, a mulher má seria aquela que não desempenha corretamente esse papel. Os cuidados domésticos com a casa e os filhos são considerados virtudes da mulher.

Mulher virtuosa que de manhã à tardinha
Lava... passa... limpa o fogão
Que transforma em altar até mesmo o fogão... Que trata o carteiro,
o lixeiro como “irmão”!
[...] E ainda à família dá a prioridade! É meiga no trato, é toda
amor!...
(SANTOLIN, In: ALVORADA FEMININA, n.04, 1984, p. 21).

Mulher que lava, passa e cozinha e torna o fogão um lugar quase sagrado e que, como indicamos acima sempre priorizará a família, afinal é possuidora do dom de amar, sempre, e se dedicar ao outro.

Nossa análise nos permitiu por fim, inferir que a mulher idealizada pela Revista é aquela preparada para o casamento, para a maternidade e para o casamento heterossexual. Essa mulher possui muitos dons, muitas qualidades que permitem fazer com que o casamento possa dar certo, competindo a ela, aliás, envidar esforços com tal finalidade. Mulher que nasce com o dom de ser mãe, de cuidar da casa e dos filhos. Mulher que nasce para o casamento e se prepara para ele.

Essa representação construída e difundida pela *Alvorada Feminina*, encontra assento junto ao público para o qual o impresso se destina. Quando isso acontece, a identidade desse grupo leitor da Revista é legitimada e, da mesma forma, temos a desqualificação de outras identidades, distintas da que é defendida pela revista e conseqüentemente pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Chartier (2002) nos coloca que é assim que as representações são construídas e nesse processo há alianças e também embates. Quando optamos por uma dada representação, em tese, nos contrapomos às outras. “Escolhemos” aderir a um perfil, uma personalidade quando desqualificamos outra. Entretanto, Chartier (2002) sinaliza que a representação construída no processo de apropriação é o que nos induz a adotar práticas sociais. Portanto, a representação não está situada no plano das ideias apenas, mas conduz as pessoas à ação.

A construção de uma imagem, de uma representação feminina por meio de uma revista, é possível a medida que essa mídia constitui o rol de práticas não-discursivas, que são usadas pelos grupos visando o fortalecimento de um símbolo, de um sentido ou significado. A manutenção dessa forma de entendimento advém da existência de instituições e práticas que se ocupam da manutenção de conceitos em meio a sociedade. Chartier (2002) ainda nos coloca que a construção dessas representações decorre da recomposição da realidade pelos grupos sociais através de recortes dessa realidade. Assim, a Revista recupera aspectos da realidade e os reconstrói, ditando modelos auferidos à pais, mães, a homens e mulheres. Dessa forma, é possível então legitimar condutas já defendidas pelas denominações cristãs, incluindo os presbiterianos acerca dos papéis sociais a serem desempenhados pelos homens.

A construção de uma representação confere embasamento para práticas vinculadas a uma identidade social. Assim, uma representação construída é expressa em atos concretos que os homens desenvolvem. Estar vinculado a uma

denominação evangélica presbiteriana, requer a adoção de determinadas posturas, como as que foram aqui destacadas: ser mãe, cuidar dos filhos e do marido. É isso que é esperado da mulher presbiteriana independente, ao menos é esse perfil que é desenhado nas páginas da *Alvorada Feminina*.

A Revista fortalece assim uma perspectiva tradicional de família, assentada em um modelo patriarcal, resignando a mulher a situações para as quais ela não teria uma alternativa. Nesse sentido, a mulher não poderia escolher sua vida futura, estando condicionada a vida doméstica, ao casamento heterossexual e a maternidade. Se, por um lado a religiosidade implica em como cada um vive suas crenças e as pratica, por outro, vemos que há práticas que ressignificam a mulher, moldam a sua subjetividade de tal forma e podem ser consideradas uma violência. Assim, o fato de estar vinculado a uma religião e adotar práticas vinculadas a uma religiosidade específica, não torna a representação em pauta menos agressiva.

Fato é que, notadamente, essas representações presentes na *Alvorada Feminina* não estão latentes somente nos números aqui analisados, mas em grande parte das Revistas produzidas até meados de 2016. No contexto dos anos 80, formulações dessa natureza encontravam assento em grande parte da sociedade brasileira, uma vez que, apesar do Movimento Feminista, ainda era hegemônico o entendimento do formato burguês de organização familiar. No entanto, além da coloquial distribuição de atividades na família, segundo o sexo de nascimento, temos aqui uma carga de valores que são idealizados para a mulher. Se a mulher desejar uma identificação com a Igreja Presbiteriana Independente, por conseguinte, deverá contemplar todos esses valores. A revista representa a cultura construída pela referida denominação a respeito do que seria inerente a mulher.

Esses valores são vinculados ao saber sagrado. São legitimados como corretos por se oporem aquilo que é tido como profano. O saber sagrado desapropria aquele saber que é posto como profano. Esse saber chega ao público leitor por meio dos bens simbólicos, o que torna esses bens representativos do campo de saber religioso. Esse campo de saber expressa as visões de mundo de um grupo religioso. O fato de provirem de um grupo religioso específico é o que lhes atribuem aceitação. O grupo que produz bem simbólico funciona como um meio de chancela, de justificativa. As mensagens difundidas nesses bens

simbólicos religiosos são construídas em favor dos grupos que a produziram buscando articulá-los ao público leitor (BOURDIEU, 2002).

No caso da *Alvorada Feminina*, consideramos que a revista busca desarticular os discursos de emancipação feminina que vinham encontrando eco na sociedade brasileira, sobretudo por meio da fala de alguns segmentos voltados ao movimento feminista. São aceitos pelos leitores porque se mostram como sagrados ao passo que outros discursos são apresentados como profanos. Portanto, a mulher santa, que atende ao discurso sagrado é aquela que casa com homem, que tem filhos e que se dedica a cuidar da sua família. A mulher que pudesse ser retratada de forma diversa a essa é apresentada como profana, incorreta. O que sanciona esse discurso é o fato de sua vinculação advir de reverendos, mulheres vinculadas à Igreja Presbiteriana Independente, ou seja, são pessoas tidas como importantes e por isso seu discurso é aceito como sagrado e como algo a ser adotado na condução de determinadas práticas sociais por parte dos leitores. Assim, é lícito ainda inferir que a representação conferida para a mulher na *Alvorada Feminina* é também a difundida pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, instituição religiosa a quem a revista é vinculada.

De tal maneira, essa aceitação do que é vinculado pela *Alvorada Feminina*, deve resultar na adoção de um *habitus* pelas leitoras. O *habitus* para Bourdieu (2002) é situado no âmbito das ações. Se o campo religioso corresponde ao pensamento, aos conceitos, o *habitus* seria uma forma de dar concreticidade aquilo que é idealizado. Portanto, o *habitus* da leitora da revista deveria ser a aceitação do casamento heterossexual, da gravidez inevitável, do cuidado com os filhos, com a casa e com o marido. A aceitação dos postulados de *Alvorada Feminina*, pelas mulheres, seria observada se o comportamento delas atendessem o que era apresentado nas revistas. Isso, infelizmente, não podemos comprovar. Porém, o número elevado de tiragens do periódico nos anos 80 nos indica que houve aceitação do impresso, e, portanto, de seus postulados.

A revista funciona como um dispositivo de construção cultural, e, aborda especificamente a construção cultural do perfil idealizado de mulher. Aquilo que é transmitido por meio do impresso é transferido à mente, no processo descrito por Chartier (2002) de apropriação. A apropriação é a representação mental do conteúdo do impresso. Essa representação orienta as práticas sociais, conforma uma cultura socialmente compartilhada, e funda a chamada representação

coletiva. Essa representação é construída individualmente, mas só se consolida socialmente quanto é partilhada entre os pares. Torna-se uma cultura socialmente aceita quando orienta a adoção de posturas, de posicionamentos.

Bellotti (2004) analisando esse processo de apropriação do impresso, porém, considerando especificamente as mídias produzidas pelos neopentecostais, incluindo os presbiterianos, salienta que tais dispositivos conformam práticas culturais do grupo religioso em questão. Para a autora, o aporte às mídias pelas denominações religiosas busca fortalecer essa cultura, difundida pelo grupo evangélico. A vinculação a cultura em pauta é o que faz o ser humano associar-se a um determinado grupo. Outrossim, nas mídias temos a representação daquilo que é inerente àquele determinado grupo. As revistas funcionaram como uma forma de fortalecimento de uma ideia, uma representação de normas, condutas de comportamento que seriam idealizadas para as mulheres. Adotar dadas posturas é o que faz a mulher pertencer a um grupo, a uma cultura, é o que a torna parte integrante de uma religião protestante.

Nesse mesmo momento histórico, no entanto, vemos que há muitas mulheres que compreendiam a vida feminina de maneira totalmente distinta daquela que é difundida nas páginas de *Alvorada Feminina*. Para tanto, esse contra discurso, não aparece nos textos da revista, e, aliás, a perspectiva que temos ao ler os textos das revistas produzidas na época é de que nenhuma das lutas do movimento feminista encontra assento no que era difundido pelo periódico. Há uma cultura diferente concorrendo com aquela que é propalada pela revista em relação ao feminino, de forma que o papel difundido à mulher pela revista não é hegemônico, apesar de representativo. Representativo e nos dá a conhecer a perspectiva sobre a mulher que era culturalmente aceita pela Igreja Presbiteriana Independente no período. Reforçamos que aqui apresentamos apenas três revistas, como exemplo, porém, o discurso acerca da mulher é presente em todas as 58 revistas que acessamos e que representam 72,5% da produção do periódico nos anos 80.

Considerações Finais

A análise das Revistas em questão nos desnudou uma realidade diferenciada em relação a forma que a Igreja Presbiteriana Independente

compreende a mulher nos anos 80. Assim, a mulher apresentada nas páginas da *Alvorada Feminina* é uma mulher que foi preparada para o casamento heterossexual. Essa mulher, não tem escolha a não ser viver o casamento que vem com o prêmio da maternidade. Compete a ela o cuidado dos filhos, da casa, do marido. Suas qualidades são dadas a conhecer à medida que ela consegue atender aos dons que lhes foram por Deus conferidos.

Subjetivamente, a mulher é induzida a desenvolver uma série de qualidades, como o amor desmedido, a emoção, a submissão, uma vez que também compete a ela empreender todos os esforços que são necessários para que a união conjugal tenha sucesso. A mulher imaginada pela Revista *Alvorada* está longe da mulher real, concreta, que vivia no Brasil nos anos 80. Esse ser sobrenatural, despossuído de fraquezas e defeitos, feliz com a sua “sorte” com certeza não existia e nem existe atualmente. No entanto, aquela que desejasse se vincular ao corpo de crentes, ser conhecida como pertencente aquele grupo religioso precisaria acatar o que era difundido no impresso e buscar colocar em prática. Sua identificação com o grupo evangélico presbiteriano requisita isso da mulher.

Essa representação cultural conferida ao universo feminino, no período posto, é representativa, como salientamos acima, da Igreja Presbiteriana Independente. No entanto, essa forma de compreender a mulher guarda relações diretas com o entendimento sobre a figura feminina difundido por outros segmentos da sociedade brasileira, ou seja, não é exclusiva dos meios e espaços religiosos. No entanto o perfil delimitado nos dá a saber e compreender que essa mulher retratada na revista é uma expressão cultural desse grupo, dos presbiterianos independentes. A revista é um meio de difusão dessa cultura, visando que mulheres adotem determinadas práticas sociais, *habitus* que correspondam a essa cultura difundida. Por oportuno é sempre bom reforçar que o impresso, uma representação cultural, não é neutro mas busca finalidades a alcançar. Nesse caso, finalidades bem específicas idealizadas para as mulheres.

Referências Bibliográficas

Fontes

ALMEIDA, D. Dom de Mãe. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n. 2, abr./jun. 1981, p. 8.

HUGO, V. O Pai e a Mãe: pegadas. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n. 3, jul./set. 1981, p. 13.

LEONEL, L. Confederação de Senhoras – IPI Brasil. *Alvorada Feminina*. n. 3, jul./set. 1981, p. 2.

MACHADO, M. B. Um ano. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n. 2, abr./jun. 1981, p. 16.

MELO, R. H. R. de A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e suas mulheres virtuosas. In: *ECOS DO CENTENÁRIO – CADERNO DE O ESTANDARTE*. São Paulo: Pendão Real, 2006.

ALVORADA FEMININA. Maio, mês do Lar: Família. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n.02, abr./jun. 1981, p. 12.

SANTOS, R. de C. Casamento jornada feliz ou não. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n. 2, abr./jun. 1981, p. 12.

SANTOLIN, E. S. Carta Aberta. *Alvorada Feminina*. São Paulo, n. 4, out./dez. 1984, p. 21.

Bibliografia

BELLOTTI, K. K. *A Mídia Presbiteriana no Brasil: Luz para o Caminho* e Editora Cultura Cristã. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005.

_____. Mídia, Religião e História Cultural. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, Vol. 4, ano 4, 2004, p. 01-11.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

CHARTIER, R. *À Beira da Falésia: a História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

MENDONÇA, A. G. *O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008.